

TEATRO
NACIONAL
S. JOÃO



TEATRO CARLOS ALBERTO
12—17 DEZ 2023

O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá

Uma História de Amor

a partir de
Jorge Amado

dramaturgia e encenação

António
Afonso
Parra

ter+qua—11:00
qui+sex—15:00
sáb—19:00
dom—11:00

música original
João Grilo

cenografia
Ana Gormicho

figurinos
Pedro Morim

desenho de luz
Diogo Saraiva

desenho de som
Filipe Louro

produção executiva
(criação)

Beatriz Lobo
Diana Estrela

direção de produção
Inês Arinto

direção de comunicação
Ana Rita Rodrigues

interpretação
André Júlio Teixeira,
Bárbara Pais, Filomena
Gigante, Pedro Almendra

músicos
João Grilo, Sara Yasmine,
Sofia Sá, Teresa Costa,
Tiago Candal

coprodução
A Turma, Teatro Diogo
Bernardes, Casa das Artes
de Vila Nova de Famalicão

estreia
1 Jun 2022
Teatro Diogo Bernardes
(Ponte de Lima)

dur. aprox. 1:10
M/6 anos

Língua Gestual
Portuguesa
12 dez
Audiodescrição
16 dez



NO LUGAR DA FÁBULA

ANTÓNIO AFONSO PARRA

Quando li *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá – Uma História de Amor* pela primeira vez teria uns onze ou doze anos. Idealizava o que seria um romance, o que seria viver uma história de amor; baseava-me nos filmes que via, nas canções, nos livros, ou no que os (mais) adultos à minha volta faziam. Para mim, essa estação ainda não tinha chegado, apesar de já ter vivido as primeiras paixões à flor da pele, com medo de molhar os pés. De qualquer forma, lembro-me de que entendi perfeitamente do que o livro falava. Fiquei feliz com o casal, quando me foi permitido, e fiquei triste com o detestável safanão que a diegese me impôs. Entendi cedo que “as coisas são assim” e que, se as queremos mudar, temos de ir à luta por elas.

Reli o livro perto de completar vinte anos. Na altura, atingiram-me a depressão e a impotência. Porém, no essencial, a contemplação, quer do casal, quer da beleza da obra literária, perdurava no horizonte. Como se ficasse contente ao ver uma estrela cadente – algo que desapareceu e não é mais, mas que me deixou um sorriso interior só com um simples vislumbre. A estrela converte-se na história de amor: etérea e efémera.

Quase duas décadas e uma dezena de desgostos amorosos mais tarde voltei a esta obra. Desta vez para a levar à cena. Os olhos estavam concentrados em imagens, dinâmicas, jogos de cena, estética teatral. Era um encenador à procura da forma de contar uma história que não defraudasse a qualidade da fábula em si. Felizmente, enquanto dramaturgo, não precisei de inventar muito. Jorge Amado deixou todas as migalhas de um caminho que nos permite fazer uma adaptação cabal. A música teve um papel fundamental na criação deste espectáculo. O compositor João Grilo esteve comigo desde os primeiros passos. Sempre me intrigaram as possibilidades do ambiente sonoro da trama. Para isso, uma equipa de brilhantes músicos e criativos foi reunida, elevando a componente

sonora a uma metade do todo e não só a um artifício manipulatório, como tantas vezes vemos em produções teatrais, especialmente nas chamadas infanto-juvenis, como esta.

A inspiração estética para a criação deste espectáculo foi à BD buscar as suas infindáveis possibilidades, num processo de óbvia mas saudável contaminação, transportando-nos para o lugar da fábula, das cores e dos corpos humanos deformados. Procurou-se um teatro não tão infantilizado quanto seria expectável. Os actores e músicos, transformados em habitantes do parque, dão corpo a esta história, onde podemos falar do mundo e do nosso papel enquanto parte dele. Se o mundo nos parece, por vezes, desprovido de sentido, é através do amor e das relações com os outros que lhe podemos conferir algum. Quando o espectáculo se estreou, e pude finalmente deixar de o ver como criador, houve uma centelha que se reavivou no meu peito, como se tivesse sido acesa na primeira vez que li a obra e lá tivesse ficado, à espera deste momento em que o círculo se encerra e se cumpre. Depois das apresentações em Ponte de Lima e em Vila Nova de Famalicão, sinalizando os nossos parceiros e co-produtores, chegamos agora ao Porto para vos envolver neste universo idealizado por Jorge Amado e materializado pela nossa equipa.

Bem-vindos ao parque!

Texto escrito com a grafia anterior ao novo acordo ortográfico.

Coração? Quem te disse que ele tem coração?



produção executiva
Eunice Basto

direção de palco
Emanuel Pina

adjunto do
diretor de palco
Filipe Silva

direção de cena
Cátia Esteves

luz
Filipe Pinheiro
coordenação
Adão Gonçalves
Alexandre Vieira
José Rodrigues
Marcelo Ribeiro
Nuno Gonçalves

maquinaria
Filipe Silva
coordenação
António Quaresma
Carlos Barbosa
Joel Santos
Jorge Silva
Lídio Pontes
Nuno Guedes
Paulo Ferreira

som
Joel Azevedo
coordenação
António Bica
Fábio Ferreira

APOIOS À DIVULGAÇÃO



COMBOIOS DE PORTUGAL



Jornal de Notícias



STCP



98.9 Nova

AGRADECIMENTOS TNSJ

Câmara Municipal
do Porto
Polícia de
Segurança Pública
Mr. Piano/
Pianos Rui Macedo

Edição
Teatro Nacional
São João

design gráfico
Pedro Nora

fotografia
Francisco Lobo

impressão
Empresa Diário
do Porto, Lda.

Não é permitido filmar,
gravar ou fotografar
durante o espetáculo.
O uso de telemóveis e outros
dispositivos eletrónicos é
incómodo, tanto para os
intérpretes como para os
espectadores.

O TNSJ É MEMBRO

MECENAS DO TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

